

A EDUCAÇÃO BURGUESA EM *VIAGENS DE GULLIVER*: APONTAMENTOS PARA UMA LEITURA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA DO TEXTO LITERÁRIO CLÁSSICO

Bourgeois education in Gulliver's Travels: notes for a reading in a historical perspective of the classic literary text

Ana Maria Esteves Bortolanza¹

RESUMO

O estudo analisa aspectos da educação burguesa em *Viagens de Gulliver* (1726), que refletem o movimento de transição da sociedade feudal para a sociedade burguesa, no final do século XVII e início do século XVIII, na Inglaterra. O *corpus* eleito para a análise foi o sexto capítulo: *Os costumes dos habitantes de Lillipute – sua literatura – suas leis e maneira de educar os filhos*. A fonte é a primeira edição portuguesa da Editora W. M. Jackson, da coleção *Clássicos Jackson*. Pesquisa histórica cuja fundamentação teórica apoia-se em autores como Marx e Engels (1993), Alves (1993), Vygotsky (2006) e Swift (2005). Poder-se-ia afirmar que é uma sátira à educação das crianças inglesas, mas também a defesa de algumas ideias pedagógicas da sociedade feudal em decomposição, imbricadas no discurso da personagem Gulliver. O estudo constitui uma proposta de abordagem dos clássicos universais para compreender as contradições da sociedade desigual em que vivemos hoje.

Palavras-chave: Educação burguesa; Leitura dos clássicos universais; *Viagens de Gulliver*; Jonathan Swift.

ABSTRACT

The study examines aspects of bourgeois education in *Gulliver's Travels* (1726), reflecting the transition movement of feudal society to bourgeois society in the late seventeenth and early eighteenth century in England. The corpus chosen for analysis was the sixth chapter: *The customs of the inhabitants of Lilliput - its literature - its laws and way of educating children*. The source is the first Portuguese edition of Publisher WM Jackson, Jackson Classics Collection. Historical research whose theoretical foundation is supported by authors such as Marx and Engels (1993), Alves (1993), Vygotsky (2006) and Swift (2005). Power would say that it is a satire on the education of English children, but also the defense of some pedagogical ideas of the tottering feudal society, intertwined in the discourse of Gulliver character. The study is a proposal for a universal classic approach to understanding the contradictions of unequal society we live in today.

Keywords: Bourgeois Education; Reading classic literature; *Gulliver's Travels*; Jonathan Swift

Um clássico é um livro
que nunca terminou de dizer
aquilo que tinha para dizer.
Ítalo Calvino

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, com estágio de pós-doutorado concluído na Universidade de Évora, em Portugal. Docente do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba. E-mail: amebortolanza@uol.com.br

A literatura é, entre outras formas de arte, uma das expressões artísticas fundamentais para a vida humana. Para Vygotsky (2006, p. 316-317), “a investigação psicológica põe de manifesto que a arte é o centro supremo dos processos individuais biológicos e sociais na sociedade, um método para encontrar um equilíbrio entre o homem e seu mundo, nas etapas mais críticas e importantes de sua existência”.

Na arte literária, os clássicos universais ocupam um lugar insubstituível na formação leitora de crianças e jovens, embora a escola de forma geral não demonstre a preocupação de levá-los para a sala de aula a fim de serem lidos e discutidos por alunos e professores. O espaço escolar, embora seja por tradição o *locus* da leitura e da escrita, precisa ainda (re) conhecer a necessidade e a importância de trabalhar com autores e textos clássicos para que seus alunos se formem leitores críticos, autônomos e proficientes.

Ao referir-se aos textos clássicos, Calvino (1993) alerta-nos para a leitura insubstituível dos originais, em vez de adaptações equivocadas, interpretações muitas vezes duvidosas, comentários que desviam os leitores do encontro com os clássicos universais, patrimônio cultural nem sempre valorizado e apresentado aos alunos ao longo de sua escolaridade.

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos originais, evitando o mais possível a bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. (CALVINO, 1993, p. 12).

Sabemos que os textos literários clássicos, pelo seu caráter universal, trazem muito mais que uma narrativa, personagens, tempos e espaços, eles revelam a cultura historicamente construída, com seus valores, costumes e crenças. Na escola, a formação leitora dos alunos implica a leitura interpretativa dos textos clássicos, mas para isso os professores necessitam eles próprios serem bons leitores desses textos, contextualizando-os historicamente ao apresentá-los aos seus alunos. Nesse sentido, a formação de professores, seja ela inicial e/ou continuada, precisa garantir o acesso e a apropriação das obras clássicas como parte de sua formação docente. O trabalho do professor que toma como objeto de ensino os textos literários clássicos, seja na educação básica seja na universidade, pressupõe a abordagem de concepções de homem, de sociedade e de educação, presentes nos textos literários clássicos.

Nessa perspectiva, este estudo busca resgatar a significação histórica do texto *Viagens de Gulliver*, apontando aspectos da educação burguesa na Inglaterra do final do século XVII e início do século XVIII. Inicialmente o livro de Swift foi dirigido aos leitores adultos, apropriado pela burguesia da época, porém, mais tarde a obra teve como público-alvo as crianças, passando a ser lido como uma narrativa ingênua de viagens aventurescas e fantásticas, totalmente descolada da realidade concreta na qual a obra foi produzida. Portanto, *Viagens de Gulliver*, para além de uma narrativa de viagens, é uma sátira que revela criticamente um mundo de valores, costumes, crenças de um momento histórico único, na transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista emergente.

Como sátira, Jonatham Swift faz uma crítica mordaz à sociedade inglesa na transição do feudalismo para o capitalismo: como obra-prima de caráter universal, transcende seu tempo e atualiza-se hoje ao possibilitar uma reflexão da sociedade atual. Assim, a leitura de *Viagens de Gulliver* significa atualmente conhecer por meio da literatura as concepções de homem, de sociedade e de educação de momento histórico único, a fim de compreendermos melhor a nós mesmos e a sociedade em que vivemos hoje.

O estudo constitui-se numa pesquisa bibliográfica realizada em dois momentos: no primeiro, a leitura crítica da obra de Swift, *Viagens de Gulliver* (1950); no segundo, a análise contextualizada da vida do autor e de sua produção literária no conjunto das relações sociais que os geraram: autor e obra. Com esse olhar, buscamos na análise de *Viagens de Gulliver* os aspectos da educação burguesa que revelam contradições entre o velho e o novo na emergência da burguesia na Inglaterra, país que apresentava a forma mais desenvolvida de capitalismo.

Na Inglaterra, o combate que se travava entre forças feudais – igreja e nobreza – e a burguesia nascente repercute na obra de Swift, expressando com clareza o movimento de ascensão da burguesia revolucionária e suas relações eminentemente capitalistas. O autor critica, de forma contundente, as relações sociais ditadas pelo novo modo de produção, contudo, contraditoriamente, seu pensamento burguês expressa as ideias do mercador, legítimo representante do capital mercantil em expansão. Segundo Marx e Engels (1993, p. 183):

A concentração do comércio e da manufatura em um só país, a Inglaterra – concentração que se desenvolveu ininterruptamente no século XVI – criou progressivamente para este país um relativo mercado mundial e, com isso, uma procura de produtos ingleses manufaturados, procura esta que as forças produtivas não podiam mais satisfazer. Nos séculos XVII e XVIII, o comércio e a navegação se sobrepõem à manufatura, estabelecendo um mercado mundial. A Inglaterra, nação mais poderosa, enfrenta a concorrência, estabelecendo uma dura política protecionista.

Para compreensão desse momento histórico de contradições – entre mudanças e permanências –, trazemos neste estudo o contexto histórico de transformações da Inglaterra, como expressão mais avançada do novo modo de produção com a expansão do capital mercantil.

Contexto histórico em que foi produzida a obra *Viagens de Gulliver*

A Igreja Anglicana, igreja oficial da Inglaterra, consolidou-se no reinado da rainha Isabel (1550-1603), tornando-se instrumento de poder político da coroa. No reinado dos Stuart (1603-1649), a Inglaterra e a Escócia se uniram sob o poder da dinastia católica, intensificando a força política e econômica da Igreja Anglicana. Em contrapartida, cresceu a força revolucionária dos não-conformistas que lutavam pela democracia. Os não-conformistas, dissidentes protestantes, reuniram-se em um movimento de inspiração puritana e venceram a guerra civil por Cromwell, proclamando a República Britânica.

O espírito moralizador do movimento puritano acabou dando lugar à libertinagem da corte e das cidades. Os Stuart voltaram à Coroa com Carlos II (1660-1685) e a Igreja Anglicana restabeleceu seu prestígio. Seguiu-se a dinastia protestante de Hannover (1688-1704), que conquistou o poder e instaurou a democracia britânica, entretanto os *Tories* retornam ao poder com a rainha Ana (1704-1714). No reinado seguinte, de Jorge I (1714-1729), os *Whigs* voltaram ao poder e Swift retirou-se definitivamente da vida pública.

Swift nasceu em 1667, na Irlanda, em meio às lutas religiosas de anglicanos contra protestantes não-conformistas e católicos papistas, fundidas nas lutas políticas dos *Whigs*, puritanos defensores do parlamento e da democracia e dos *Tories* que eram fiéis à Igreja Anglicana e à monarquia inglesa. Quando cursava o *Trinity College*, ambiente universitário em que essas lutas se faziam presentes, Swift iniciou sua participação política; de volta à Irlanda, dedicou-se à literatura e à religião, mas retornaria à vida política mais tarde em defesa do povo irlandês. Os *Tories* deram origem ao Partido Conservador, defendiam o rei e os privilégios da Igreja Anglicana; enquanto os *Whigs* formaram o Partido Liberal composto por setores da burocracia e do comércio de Londres e defendiam a tolerância religiosa.

Com a vitória dos *Whigs* que conduziu a dinastia protestante da casa de Hannover ao trono, Swift mudou-se para Londres e lá participou das lutas políticas. A literatura foi para ele uma ferramenta em sua luta política, ao escrever várias sátiras em defesa dos *Tories*. Nomeado Deão da Igreja de *Saint Patrick*, o autor instalou-se em Dublin, Irlanda. Embora ligado à igreja anglicana, Swift continuou a defender a Irlanda, que nessa época vivia em estado de miséria absoluta. As sátiras continuaram sendo seu principal instrumento de luta, exemplo maior é o texto literário *Modesta proposta para evitar que as crianças da Irlanda sejam um fardo para seus pais ou para seu país* (1729). Entretanto, é com a publicação de *Viagens de Gulliver* que o autor tornou-se conhecido e sua obra passou a ser cânone da literatura inglesa.

A obra-prima de Swift, *Viagens de Gulliver*

Viagens através de várias e remotas nações do mundo, por Lemuel Gulliver, primeiro cirurgião e depois capitão de vários navios, ou simplesmente, *Viagens de Gulliver* foi publicado em 1726, quando seu autor Jonathan Swift contava 59 anos. Era um homem politicamente amadurecido, profissionalmente bem estabelecido, já em Dublin, como Deão da Igreja Anglicana, na Catedral de St. Patrick.

O livro de Swift lembra os relatórios de viagens renascentistas pelo caráter aventureiro, mas de intenção realista que denunciava as mazelas de seus contemporâneos. Os relatos, embora fantásticos, têm a intenção de transmitir ao leitor aventuras realmente vividas, evidenciando a importância das viagens realizadas por mercadores a regiões distantes, no período de expansão comercial. Swift escreveu *Viagens de Gulliver* no período de formação política da Grã-Bretanha, que mais tarde compreenderá os países Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda. Sendo natural da Irlanda, o autor havia internalizado a visão dos dominados irlandeses perante os dominadores ingleses.

O livro *Viagens de Gulliver* foi publicado anonimamente para dar veracidade ao relato de viagens do narrador e personagem principal – Gulliver – que faz na parte

introdutória do texto uma dedicatória e apresenta detalhes de sua vida, os quais contribuem ainda mais para esse caráter verídico de relato de viagens. Como é escrito em primeira pessoa, a personagem central narra toda a trama dos acontecimentos e suas impressões sobre esses acontecimentos. Contribui para a plausibilidade da obra a evolução temporal dada pelo autor, ou seja, o narrador-personagem situa detalhadamente as referências temporais e espaciais entre mar e terra, nas quatro viagens relatadas.

Vivendo as contradições ideológicas da sociedade inglesa – de um lado, o ideal puritano de Cromwell de construir um Estado capaz de moralizar o homem; de outro, a ruptura da moralidade com os Stuart – Swift reflete em seus escritos essas contradições. Apesar de sua origem inglesa e de sua filiação à Igreja Anglicana, a Irlanda era sua terra natal e o lugar onde ele havia passado boa parte de sua vida, portanto não poderia deixar de ouvir as reivindicações do povo de sua terra natal, cruelmente oprimido pela dinastia dos Hannover.

Formado pelo ideal puritano de liberdade de consciência e política, do individualismo, de direitos naturais e eternos do homem como pessoa, Swift não deixaria de indignar-se com a situação das propriedades latifundiárias da Inglaterra, o despotismo dos reis ungidos pelo direito divino, o cerceamento à liberdade imposto pela monarquia, à dissolução dos costumes na corte e nos centros urbanos. O autor encontrou nas formas de ironia e alegorias da sátira social um instrumento poderoso para denunciar com critério e lucidez a sociedade inglesa, imprimindo na obra os valores de base da mentalidade burguesa, que abordamos neste estudo.

Em *Viagens de Gulliver* são narradas quatro viagens marítimas: a Lilipute, a Brobdingnag, a Lapúcia e outros lugares e finalmente ao país dos Huyhnhnms. Neste estudo, tomamos para análise dos aspectos da educação burguesa o capítulo VI da 1ª parte de *Viagens de Gulliver*, trecho do livro em que o autor descreve a educação dos liliputianos.

Em sua primeira viagem, o gigantismo de Gulliver coloca em relevo o individualismo burguês, enquanto a pequenez dos habitantes de Lilipute caracteriza de certa forma a insignificância da espécie humana, ao serem representados como anões. O mercado mundial que se abria para a Inglaterra acelerou o processo de industrialização com a utilização da maquinaria, e, por conseguinte, criou as condições para a liberdade de concorrência no país e o desenvolvimento da mecânica teórica, o que explica a figura de Gulliver, modelo de homem que havia estudado medicina, pilotagem e outros ramos da matemática a fim de preparar-se para sua vida futura: viajar pelo mar.

As características da personagem Gulliver expressam claramente a valorização das ciências modernas, sinônimo de progresso, capaz de liberar o homem para traçar o seu destino, postura racionalista corrente na época. O caráter de utilidade do conhecimento, das ciências e dos conteúdos explicita-se na voz de Gulliver ao afirmar: “Apliquei-me ao estudo da medicina durante dois anos e sete meses, convencido de que tal estudo, algum dia, me seria útil nas minhas viagens”. (SWIFT, 1950, p.5-6)

Ao visitar a terra de Lilipute, Gulliver descreve os costumes desse pequeno povo, suas diversões, as formas de organização do reino, que lembram as disputas da corte do Reino Unido, baseadas em duvidosos critérios para escolher aqueles que participariam da corte. Ao chegar a Lilipute, Gulliver, embora gigante diante dos pequenos habitantes dessa terra, foi preso e obrigado a obedecer às ordens do pequeno rei da corte, o que nos remete à situação social da época em que viveu o autor.

A organização política de Lilipute, descrita por Swift, lembra a política inglesa, os partidos *tacos altos* e *tacos baixos* ironizam os dois partidos nas disputas pelo poder político, expondo a diferença entre ambos na disputa pelo poder, distantes do campo das ideias. Chamado pelos liliputianos de “homem da montanha”, Gulliver descreve uma cena em que é chamado pela rainha para apagar o fogo do palácio em chamas. O gigante apaga o fogo com sua urina e a rainha horrorizada o proíbe de entrar no palácio. A situação critica a monarquia inglesa com seus valores e pudores e, simultaneamente, sugere o rompimento de seus cidadãos com os valores da corte feudal.

Enfim, em *Viagens de Gulliver*, o autor recorre ao emprego de uma linguagem que misturando realidade e fantasia, paradoxos e ironias postas em situações corriqueiras da vida em Lilipute, configuram-se como um recurso do autor para proteger-se de possíveis perseguições políticas da corte. A sátira foi, portanto, um recurso para criticar em linguagem indireta os poderosos com quem ele mantinha certa proximidade.

São muitas as situações em que poderíamos descrever as contradições da sociedade inglesa em transição do feudalismo para o capitalismo, presentes em *Viagens de Gulliver*. Como nosso objetivo principal é evidenciar os aspectos da educação burguesa oferecida aos filhos dos liliputianos, descritos na obra de Swift, passamos a apresentá-los no tópico seguinte.

A educação burguesa dos filhos dos habitantes de Lilipute

Elegemos para análise de alguns aspectos da educação burguesa presentes em *Viagens de Gulliver* o sexto capítulo da primeira parte “Os costumes dos habitantes de Lilipute – sua literatura – suas leis e maneiras de educar os filhos” (SWIFT, 1950, p. 53-63). Localizamos no texto de Swift as concepções burguesas de homem, de sociedade e de educação que emergem na formação da sociedade burguesa, procurando considerá-las no conjunto das relações sociais de seu tempo, uma vez que o movimento da educação é dado pelo movimento da sociedade. Para isso, empregamos algumas categorizações de Marx e Engels (1993).

Na viagem que realiza a Lilipute, Swift descreve a educação oferecida aos filhos dos liliputianos, alinhando as características da educação burguesa que traz nas entrelinhas uma crítica mordaz do autor aos ideais da burguesia emergente. Na primeira página do sexto capítulo, são descritos os costumes, a literatura, as leis e maneiras de educar os filhos dos habitantes de Lilipute. O autor inicia apresentando Lilipute:

Como a estatura ordinária daquela gente pouco maior é do que seis polegadas, há uma proporção exata em todos os outros animais, assim como nas árvores [...] Para fazer conhecer bem quanto seu olhar é penetrante, com respeito aos objetos que lhe ficam próximos, basta dizer que vi uma vez com prazer um cozinheiro hábil depenando uma cotovia que não era maior do que uma mosca vulgar, e uma rapariga a enfiar um fio de seda invisível numa agulha também invisível (SWIFT, 1050, p. 53).

Começamos pela relação do homem com a natureza, calcada no caráter utilitário das novas relações que se estabeleceram entre o homem e os objetos. O autor mostra que “A natureza, porém, soube ajustar a vista dos habitantes de Lilipute a todos os objetos que lhe são

destinados” (Swift, id, p. 53). Ao diminuir a estatura e os objetos que rodeiam os liliputianos, o autor satiriza o utilitarismo que caracteriza a relação do homem burguês com a natureza.

A língua escrita, que era então separada da leitura, ganha importância à medida que a sociedade se torna uma sociedade de contrato, onde os negócios e a contabilidade deveriam ser registrados. Ela se torna uma técnica material voltada a preparar o ofício para a escrita comercial. O autor descreve e compara a escrita comercial à escrita das senhoras da sociedade inglesa:

[...] servem-se de caracteres e de letras, e o seu modo de escrever é notável, não o fazendo nem da esquerda para a direita, como na Europa, nem da direita para a esquerda, como os Árabes; nem de cima para baixo como os Caucasianos, mas obliquamente e de um a outro ângulo do papel, como as senhoras da Inglaterra (SWIFT, 1950, p. 53).

Ao mencionar o costume como enterram seus mortos, de cabeça para baixo, porque sendo a terra plana gira de baixo para cima e, assim, os mortos seriam encontrados de pé ao ressuscitarem. Por meio da alegoria construída, Swift confronta a concepção de ciências do mundo antigo com a do mundo moderno, afirmando que “O povo liliputiano julgava ser a terra plana [...] Os sábios, entretanto, reconhecem o absurdo daquela opinião, mas permanece o uso antigo baseado nas ideias do povo”. (SWIFT, 1950, p. 54).

A seguir, o autor descreve as “leis e costumes singularíssimos”, contrários à sua pátria, que “enaltecem a probidade, a verdade, a justiça e a temperança”, como “virtudes” que possibilitam a qualquer um servir à sua pátria. (Swift, 1950, p. 54). Os crimes contra o Estado são punidos exemplarmente, mas se o réu provar sua inocência, o acusador é condenado à morte e tem seus bens confiscados. A fraude, sempre punida com a morte, é um crime maior do que o roubo, uma vez que a vigilância pode proteger os bens dos indivíduos contra as tentativas de roubo, mas “a probidade não tem defesa contra a astúcia e a má fé” (SWIFT, 1950, p. 54).

Trata ainda dos castigos e recompensas, eixos centrais nos quais o governo se movimenta, focando no indivíduo o dever de obedecer às leis que, uma vez obedecidas, conferem-lhe um título de legitimidade. Dessa forma, cada habitante de Lilipute, de acordo com seu nascimento e posição social, poderia alcançar certas regalias se respeitasse as leis do país.

Todo aquele que pode apresentar provas bastantes de que observou fielmente as leis do seu país durante setenta e três luas tem o direito de pretender certas regalias, consoante seu nascimento e a sua posição, com certa quantia tirada de um fundo destinado a esse fim; alcança até o título de *snipall*, ou de *legítimo* que é apenso ao seu nome; esse título, porém, não passa aos descendentes (SWIFT, 1950, p.55)

A justiça é representada com seis olhos, dois situados na frente do corpo, dois situados atrás e um olho de cada lado. Justificam os liliputianos essa representação com o caráter de circunspeção, ou seja, a justiça tem um olhar de prudência e ponderação, olhar plurilateral, capaz de controlar tudo e todos. Entretanto, em lugar de punir, prefere

premiar, por isso a justiça é representada “[...] segurando na mão direita um saco cheio de ouro, e empunhando na esquerda uma espada embainhada, para demonstrar que está mais disposta a premiar do que a punir” (SWIFT, 1950, p. 55).

Ao abordar a ocupação de cargos públicos, a probidade é virtude maior que o talento, por isso os liliputianos “julgam que a verdade, a justiça, a temperança e as restantes virtudes estão ao alcance de toda gente e que a prática dessas virtudes, acompanhada de alguma experiência e bons intuítos, tornam quem quer que seja apto para servir ao seu país [...]” (SWIFT, 1950, p. 55-56).

A fé na Divina Providência é considerada condição para aqueles que ocupam cargos públicos, pois como “os soberanos se julgam, muito justamente, delegados da Providência”, isto é, o poder do rei era a vontade de Deus, “os liliputianos supõem que nada há mais absurdo nem mais incoerente do que o procedimento de um príncipe que se serve de gente sem religião, que nega essa suprema autoridade de que se considera depositário e da qual, de facto, recebe e a possui” (SWIFT, 1950, p. 56).

A partir do 12º parágrafo do capítulo VI, o autor passa a descrever especificamente a educação formal dos filhos dos habitantes de Lilipute. A escola é obrigatória, pois “há em todas as cidades, colégios públicos, para onde todos os progenitores, excepto camponeses e operários, são obrigados a mandar os filhos de ambos os sexos, para serem educados e instruídos” (SWIFT, 1950, p. 57). Para todos, entenda-se para a burguesia, uma vez que camponeses e operários não faziam parte dela.

As escolas eram organizadas segundo as diferenças de sexo e sangue, destinados os seminários aos filhos dos nobres e os colégios para o sexo feminino. Nos seminários, a educação voltava-se para “os princípios de honra, justiça, de coragem, de modéstia, de religião e de amor pela pátria”. O autor descreve minuciosamente a educação dos filhos de nobres, desde a tenra infância:

Até a idade dos quatro anos são vestidos pelos homens; dessa idade em diante, são obrigados a se vestirem sós, embora sejam de nobre estirpe. Só têm licença para brincar na presença de professor e por esse sistema evitam funestas impressões de doidice e de vício que cedo começam a corromper os costumes e as tendências da mocidade. Os pais podem visita-los duas vezes ao ano. A visita pode durar apenas uma hora, com a liberdade de beijar o filho à entrada e à saída; um professor, que assiste sempre a essas visitas, não consente que falem em segredo com as crianças, que a lisonjeiem, nem lhes deem confeitos de bolos (SWIFT, 1950, p 57-58).

Nas escolas para as meninas, filhas de nobres, a educação guardava certa semelhança com a educação dos meninos, mas as práticas educativas dirigidas às meninas eram diferentes, como podemos constatar nos hábitos de vestir-se: os meninos logo aprendiam a vestir-se, mas as meninas eram “vestidas por criadas, [...] sempre na presença de uma professora, até que cheguem aos cinco anos, idade em que principiam a vestir-se sem auxílio de ninguém” (SWIFT, 1950, p. 58). Tanto moças como rapazes são educados para serem corajosos, sem vaidade, com compostura e asseio. Às moças destinava-se a aprendizagem das “ciências e belas-letas”. O autor recorre a um provérbio como argumento de autoridade para afirmar que: “a mulher, devendo ser uma companhia agradável ao marido, carece de ornar o espírito que nunca envelhece” (SWIFT, 1950, p. 58).

Preocupados com a educação das crianças, os liliputianos diferenciavam a facilidade de gerá-las e as dificuldades para educá-las.

[...] é fácil gerá-las, dizem eles, tão fácil como semear e plantar, mas conservar certas plantas, fazê-las crescer bem, precavê-las contra os rigores do inverno, contra os ardores e tempestades do verão, contra os ataques dos insetos, de, em suma, fazer-lhes dar frutos em abundância, é o resultado da atenção e do cuidado de um hábil jardineiro (SWIFT, 1950, p. 58-59).

Também abordam a figura do professor responsável pela educação das crianças liliputianas. Swift mostra que “escolhem o professor que tenha o espírito mais bem formado do que o espírito sublime, mais morigeração do que ciência”, por isso desprezam aqueles educadores que “atordoam incessantemente os ouvidos dos discípulos com gramaticais combinações frívolas, discussões pueris, observações”.

Ao mencionar o ensino do latim, Swift enfatiza que “para lhes ensinar a antiga língua, que pouca relação tem com a que se fala hoje, lhes enchem o espírito de regras e exceções e põem de lado o uso e o exercício para lhes atulhar o cérebro de princípios supérfluos e preceitos difíceis” (SWIFT, 1950, p. 59).

O autor de *Viagens de Gulliver* aborda ainda a relação professor e aluno, pontuando que os liliputianos “querem que o professor se familiarize dignamente com seus alunos [...] devem mais baixar-se do que elevar-se perante eles, pois que muitas vezes é preciso mais esforço e vigor e sempre mais atenção para descer sem perigo do que para subir” (SWIFT, 1950, p. 59).

A finalidade da educação em Lilipute era antes “formar o espírito das crianças para as lutas da vida do que a enriquecê-los com conhecimentos curiosos, quase sempre inúteis”. Para isso, os professores liliputianos ensinam seus alunos “a ser prudentes e filósofos, a fim de que, mesmo na idade dos prazeres, saibam gozá-los filosoficamente”. (SWIFT, 1950, p. 60).

Em seguida, Swift aborda as questões referentes à disciplina na escola de Lilipute, propondo que o controle seja exercido oferecendo aos alunos “recompensas pela confissão sincera e ingênua de seus erros”, ao mesmo tempo em que valorizavam a curiosidade: “sejam curiosos e façam amiúdas perguntas acerca de tudo o que ouvem”, punindo aqueles que diante de coisas extraordinárias não demonstrassem admiração. A disciplina inclui ainda que “sejam muito fiéis, muito submissos, muito dedicados ao príncipe, mas de uma dedicação geral e de dever não particular, que fere muitas vezes a consciência e sempre a liberdade, e que expõe a grandes fatalidades” (SWIFT, 1950, p.60).

A educação burguesa de Lilipute mostra que os professores deveriam empenhar-se “menos com o trabalho de ensinar a seus discípulos a data de tal ou tal acontecimento, do que a descrever-lhes o caráter, as boas, as más qualidades dos reis, dos generais e dos ministros”, uma vez que consideram “a história do espírito humano a melhor de todas, e ensinam menos os discípulos a reter os fatos, do que há julgá-los” (SWIFT, 1950, p. 60).

Ao orientar para o estudo, a escola liliputiana aconselha que “o amor das ciências se limite e que cada um escolha o gênero de estudo que mais convenha à sua tendência e ao seu talento”, por isso “fazem tanto caso de um homem que estuda demasiado como de

um homem que come demais, persuadidos de que o espírito tem as mesmas indisposições que o estômago”. Para a sociedade burguesa liliputiana, “só o imperador é que possui uma vasta e numerosa biblioteca”. Consideram os indivíduos que têm grandes bibliotecas “como asnos carregados de livros” (SWIFT, 1950, p. 61).

A disciplina de filosofia é descrita como “muito alegre”, desprezando o uso exagerado de silogismos e argumentações, por isso “ignoram o que seja *barroco* e *buralipton*, categorias e termos de primeira e de segunda intenção e outras dificultosas tolices da dialética, que são úteis para o raciocínio como para a dança”. Para os liliputianos, a filosofia “consiste em estabelecer princípios infalíveis que levam o espírito a preferir o estado medíocre de um homem honesto ao bem-estar do rico e ao fausto de um financeiro, e às conquistas de um general vitorioso o vencerem em si próprios a força da paixão” (SWIFT, 1950, p. 61).

Os liliputianos são educados para viver austeramente, “fugindo de tudo quanto costuma os sentidos à voluptuosidade, tudo o que torna a alma dependente do corpo, enfraquecendo-lhe a liberdade”. Devem escolher um estilo de vida “que melhor convenha às suas naturais tendências, pouco se importando com as faculdades paternas, de maneira que, por vezes, o filho de um lavrador chega a ser ministro de Estado, enquanto o filho de um fidalgo se torna simples comerciante” (SWIFT, 1950, p. 61-62).

Para as ciências exatas, como a física e a matemática, o povo liliputiano confere um grande valor, tendo em “mira de que essas ciências sejam vantajosas para a vida e para os progressos das artes aplicadas”. Exploram o universo sem se dar ao trabalho de conhecê-lo em suas partes, “preferindo gozar a natureza sem a examinar, a discorrer sobre a ordem e o movimento dos corpos físicos”. A metafísica é para os liliputianos “uma fonte de visões e de quimeras” (SWIFT, 1950, p. 62).

No tocante à expressão escrita, preocupam-se os liliputianos em desprezar “a linguagem afetada e a preciosidade de estilo, tanto na prosa como no verso”, e rechaçam aqueles que se utilizam largamente de metáforas em seus escritos, vistos como um “tipo de carnaval”. Apregoam o “estilo puro, claro e sério, seja pela maneira de se exprimir, seja pela maneira de se trajar” (SWIFT, 1950, p. 62).

Finalmente, a educação burguesa dos liliputianos vê os cuidados com o corpo e com a alma como necessários, “porque se tratando de fazer homens, cumpre não lhes formar uma coisa sem a outra”. Para explicar esse fundamento, o autor utiliza uma metáfora, comparando as crianças a uma parelha de cavalos “que é necessário guiar em passo certo”, pois segundo os liliputianos “desenvolvendo uma criança simplesmente o físico, fica ignorante e estúpida; cultivando-lhe somente o espírito, fica desgraciosa e raquítica” (SWIFT, 1950, p. 62).

Em síntese, os aspectos da educação burguesa em Lilipute evidenciam o ideal cristão do autor que se assenta nos princípios norteadores de educação dos nobres: “honra, justiça, coragem, modéstia, religião e amor à pátria”. Atribui como qualidade indispensável aos filhos e filhas dos nobres o vestuário e subsistência simples para meninos, para as meninas são qualidades a compostura e asseio, ressaltando ainda a modéstia como qualidade indispensável a ambos.

Para educar, em Lilibute, deveria o professor ter espírito bem formado, mais que elevado, mais educação que ciência. A preocupação com os bons costumes se explica em virtude da dissolução dos costumes na Inglaterra desse período. Desprezava-se o conhecimento inútil, para exaltar a boa formação do espírito, condição *sine qua non* necessária aos empreendimentos da vida burguesa, que preparava o homem virtuoso e sério, superior e erudito, subordinado à cultura, às boas maneiras e às qualidades superiores.

Na escola deveria prevalecer o ensino da história do espírito humano, em oposição à história fatural; combatendo o humanismo livresco, a filosofia lilibutiana deveria ser alegre, diferentemente da filosofia ensinada nas escolas europeias. A física e a matemática tornaram-se as ciências vitoriosas, enquanto a metafísica era banida por ser a expressão absurda da fantasia, da utopia. Na literatura, a economia da linguagem em um estilo claro e sério substituiu a preciosidade do estilo e a linguagem afetada dos neoclássicos. Finalmente, corpo e alma andariam juntos, em oposição à concepção de corpo e alma historicamente separados pelas civilizações antigas, como se observa na palavra latina *corpus* que, semanticamente, opunha-se à alma.

Enfim, a educação dos lilibutianos reproduziu as desigualdades sociais da época, separando de um lado operários e camponeses, criadas e aias; de outro, a nobreza. Diferentes práticas educativas tratavam desigualmente meninos e meninas, destacando um conjunto de costumes que se assentavam na origem social, no sangue e no sexo, revelado na sátira do autor.

Em 1729, o ensaio *Modesta proposta para evitar que as crianças da Irlanda sejam um fardo para os seus pais ou para seu país*, publicado três anos depois de *Viagens de Gulliver*, mostra um Swift profundamente indignado com a situação de opressão em que vivia a Irlanda, explorada pela Inglaterra. No ensaio, o autor traça um plano em que os filhos dos pobres da Irlanda seriam transformados num delicioso prato alimentício, fino prato a ser consumido pelos ingleses. Lúcido e mordaz, deparamo-nos com um Swift dilacerado pelos conflitos e contradições de seu tempo, a ponto de submeter sua modesta proposta a um exímio exercício de economia capitalista em que as crianças pobres da Irlanda seriam transformadas em mercadoria.

A publicação pela Editora UNESP do livro *Modesta Proposta e outros textos satíricos* de Swift (2005) traz no site da editora uma sinopse que apresenta o pequeno grande texto como um “‘mundo dos horrores’, modo pelo qual o autor convoca a todos para a liberdade de pensar ‘pelo avesso’, porque ‘o mundo está direitinho demais para estar certo’. Apesar do lapso temporal, é de uma incrível atualidade em relação à realidade mundial e, sobretudo, à brasileira” (UNESP, Catálogo, 2013).

Segundo Alves (1993, p. 63-64), “a preocupação maior que marca a visão de mundo burguesa é o domínio do mundo material. Essa obsessão permanente revela como visão prática, que focaliza qualquer coisa a partir da utilidade que possa ter em face daquele domínio”. Nessa perspectiva, materialmente úteis, as crianças irlandesas deixariam de ser um fardo para seu país e para seus pais e seriam incorporadas à produção capitalista como mercadoria que, uma vez acumulada, constitui a riqueza da sociedade burguesa.

Considerações finais

Em resumo, buscamos destacar alguns aspectos da educação burguesa, presentes na obra de Swift, alinhavados em meio aos conflitos e às contradições de sua época. Vivendo e produzindo numa fase de transição, Swift em a obra *Viagens de Gulliver* reflete as contradições que convivem com o velho e o novo homem e, portanto, com a velha sociedade feudal e a nova sociedade burguesa nascente.

A visão de mundo burguesa de Jonathan Swift descortina a nova sociedade, com as retinas ainda impregnadas de lembranças do velho mundo feudal em decomposição. Povoam esse mundo: o ideal puritano, o ideal cristão de educar humanamente, o individualismo, as ciências modernas, o caráter de utilidade do conhecimento, a expansão da indústria manufatureira, o fortalecimento do comércio, a acumulação de riqueza da Inglaterra, nação poderosa, a miséria dos trabalhadores irlandeses, o despotismo monárquico, os ideais democráticos dos Whigs etc. Enfim, um virtual romântico que cria por meio da fantasia o mundo que a burguesia revolucionária não logrou oferecer aos homens quando se tornou hegemônica.

A educação das crianças liliputianas desvela também a educação do próprio Swift, poder-se-ia afirmar que é uma sátira à educação das crianças inglesas, mas também a defesa de certo ideário pedagógico, tão imbricadas no discurso da personagem Gulliver, que não é possível separar a sátira da defesa. Mas, o que podemos afirmar é que o discurso da desigualdade na obra de Swift continua vivo. Nesse sentido, acreditamos que estudos nessa perspectiva possam contribuir para que professores desenvolvam uma proposta de leitura crítica dos clássicos universais, uma vez que, pelo seu caráter universal, constituem um instrumento para compreender as contradições da sociedade desigual em que vivemos hoje.

Referências

- ALVES, G. L. *O pensamento burguês no Seminário de Olinda*. Ibitinga, SP: Humanidades, 1993.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. (I – Feuerbach). São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- SWIFT, J. *Modesta proposta e outros textos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
- _____. *Viagens de Gulliver*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1950.
- UNESP. *Catálogo*. Disponível em: <<http://www.livrariaunesp.com.br/livrariaunesp/produto/11682/modesta+proposta>>. Acesso em 10 jun. 2013.
- VYGOTSKY, L. S. *Psicología del arte*. Barcelona: Paidós, 2006.

*Recebido em dezembro de 2013
Aprovado em abril de 2014*